

Um enfoque diacrônico de *assim* no domínio da junção

(A diachronic approach for “*assim*” in the field of junction)

Lúcia Regiane Lopes-Damasio¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista
(IBILCE/UNESP)

luciaregiane@bol.com.br

Abstract: This study proposes, based on Halliday (1985) and Raible (1992, 2001), that the interpositional patterns of *assim* are distributed in continuum, which is set among the representative usages of different types of interdependency, starting from the examples of domination relations of parataxis up to the examples of hypotactics, passing through the ones that are between the poles of the continuum. We will exemplify this paperwork starting from the functioning of the phrase *assim que*, describing its syntactic and semantic behavior in the selected corpus and in an evidence analysis of the linguistic changing process through grammaticalization, which infers its functioning as a secular connector in order to indicate its position held by this pattern in the continuum.

Keywords: junction; diachrony; grammaticalization; parataxis; hypotaxis.

Resumo: Propõe-se, a partir de Halliday (1985) e Raible (1992, 2001), que os Padrões interproposicionais de *assim* distribuíam-se em um *continuum*, configurado entre os usos representativos dos diferentes tipos de interdependência, partindo dos exemplares de relações do domínio da parataxe até os exemplares de relações hipotáticas, passando pelos que estão entre um e outro polo do *continuum*. Ilustraremos o trabalho a partir do funcionamento da locução *assim que*, numa descrição de seu comportamento sintático-semântico no *corpus* selecionado e numa análise das evidências do processo de mudança linguística, via gramaticalização, que subjaz seu funcionamento como junção temporal, a fim de apontar o lugar, no *continuum*, ocupado por esse Padrão.

Palavras-chave: junção; diacronia; gramaticalização; parataxe; hipotaxe.

Introdução

Este trabalho, inserido no Projeto para a História do Português Paulista (Projeto Caipira), tem como objeto de estudo o item *assim*. Entre os padrões de usos desse item, quatro representam relações interproposicionais, justificando uma descrição das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, a partir dos pressupostos teóricos de Halliday (1985) e Raible (2001; 1992 apud KABATEK, 2005).

Os usos interproposicionais de *assim* distribuem-se em um *continuum*, configurado entre aqueles considerados representativos dos diferentes tipos de interdependência, partindo dos exemplares de relações do domínio da parataxe até os exemplares de relações da hipotaxe, passando pelos que estão entre um e outro polo do *continuum*. Ilustraremos o trabalho a partir da descrição e análise do funcionamento da locução *assim que* – Padrão C, enfocando o seu desenvolvimento via processo de gramaticalização (GR, daqui em diante). Além desse Padrão, depreendem-se outros três: Padrão A – P, *assim* Q; Padrão B – P *assim* como Q; e Padrão D – P, *mesmo assim* Q, os quais compõem, junto com o Padrão focalizado, os usos juntivos do item didaticamente elencados no *continuum* mencionado.

Material e metodologia

O *corpus*, composto por textos de *cartas*, apresenta a seguinte divisão: (i) *Administração Privada*: cartas de aldeamento de índios (séc. XVIII e XIX); (ii) *Documentos Pessoais*: cartas de pessoas relacionadas com: (a) José Bonifácio (primeira metade do séc. XIX); (b) Washington Luiz (fins do séc. XIX); (c) Prof. Fidelino de Figueiredo (fins do séc. XIX e séc. XX); e (iii) *Cartas de leitores e redatores de jornais* (séc. XIX e XX).¹

Nesta análise, apresentaremos uma descrição do comportamento sintático-semântico da locução *assim que* no *corpus* selecionado e, a partir dela, evidências do processo de mudança linguística que subjaz seu funcionamento sincrônico como juntor temporal, propondo uma interpretação do processo a partir dos pressupostos teóricos da GR. Trata-se de estudar a emergência de *assim que* como parte de um mecanismo produtivo de formação de jutores, que vem se consolidando há séculos, a partir da reinterpretação de material linguístico disponível no repertório da língua.

Feita essa descrição, proporemos uma discussão dos padrões de usos juntivos em que o item *assim* se envolve, a partir da análise das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa. Com base em Halliday (1985) e Raible (2001; 1992 apud KABATEK, 2005), interpretaremos, qualitativamente, as relações entre orações articuladas por esse Padrão e pelos demais Padrões de usos juntivos em que o item *assim* se envolve, em termos dos componentes sintático e lógico-semântico do sistema linguístico. A partir dessa análise, proporemos um *continuum* parataxe > hipotaxe, em que se localizarão os usos de *assim* focalizados na descrição de *assim que*, em relação aos seus outros Padrões interproposicionais.

Fundamentação teórica

Existem, segundo Halliday (1985, p. 193) duas dimensões sistêmicas na interpretação: (i) o sistema de interdependência (*tático*), caracterizado pela parataxe e hipotaxe (geral para todos os complexos – palavras, grupos, sintagmas e orações); e (ii) o sistema lógico-semântico de *expansão* e *projeção*, que é especialmente uma relação inter-oracional – ou melhor, uma relação entre processos, normalmente (mas não sempre) expressa na gramática como um complexo de orações. Essas duas dimensões provêm o modelo funcional de orações complexas na perspectiva desse autor. Lançaremos mão desse modelo para a descrição das relações de junção de orações, estabelecidas por *assim* e formas correlatas, excluindo unicamente o sistema lógico-semântico de *projeção*, assim como as considerações sobre encaixamento de orações, visto que esses aspectos não são englobados na análise a partir do item focalizado.

A relação entre orações pode ser interpretada, segundo Halliday (1985, p. 194-195) como uma relação de *modificação*, mas, para isso, esse conceito precisa ser refinado e enriquecido a fim de explicar relações dentro da oração complexa, ou seja, para levar em conta alternativas sistemáticas ao longo de duas dimensões separadas: (i) o tipo de interdependência; e (ii) a relação lógico-semântica.

(i) *tipo de interdependência*: a relação de modificação, por meio da qual um elemento modifica o outro, não é a única relação que pode ser obtida entre os membros de um complexo.

¹ Esses *corpora* foram organizados por Simões e Kewitz (2006) e Afrânio Barbosa e Célia Lopes (2002, 2006).

Onde um elemento modifica o outro, o estatuto dos dois é desigual; o elemento modificador é dependente do modificado. Mas dois elementos podem ser unidos em uma colocação igual, na qual um não é dependente do outro (HALLIDAY, 1985, p. 195).

Assim, *parataxe* é a ligação de elementos de mesmo estatuto, i. é, o elemento inicial e o seguinte são livres, no sentido de que cada um tem seu funcionamento pleno, e *hipotaxe* é a ligação de elementos de estatutos desiguais, o “elemento dominante é livre, mas o dependente não o é” (HALLIDAY, 1985, p. 198). A partir dessas considerações, o autor se refere aos membros de um par de orações relacionadas, em *parataxe* ou *hipotaxe*, como *primárias* e *secundárias*, sendo que a *primária* é a oração inicial em uma estrutura paratática, e a oração dominante em uma hipotática; a *secundária* é a oração de continuação em uma estrutura paratática, e a dependente em uma hipotática.²

Quadro 1. Orações primárias e secundárias

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1 (inicial)	2 (continuação)
HIPOTAXE	α (dominante)	β (dependente)

(ii) *relação lógico-semântica*: existe um amplo alcance de diferentes relações lógico-semânticas, algumas das quais podem manter-se entre os membros de um nexos oracional primário e secundário. Mas é possível agrupá-las em tipos gerais, baseados em duas relações fundamentais: (1) *expansão* e (2) *projeção* (HALLIDAY, 1985, p. 196).

- (1) *Expansão*: a oração secundária *expande* a oração primária
- (b) *Elaborando-a* (notação 1=2; $\alpha=\beta$);
- (c) *Estendendo-a* (notação 1 + 2; $\alpha + \beta$); ou
- (d) *Realçando-a* (notação 1 x 2; $\alpha x \beta$).

Segue uma breve definição de cada uma das categorias da *expansão*, com exemplos.³

(1a) *elaboração*: uma oração *expande* a outra, *elaborando-a* (ou *elaborando* alguma porção dela); *especificando-a* com maiores detalhes, *comentando-a* ou *exemplificando-a* (*ou seja*);

(1b) *extensão*: uma oração *expande* a outra, *acrescentando* algum novo elemento, que apresenta, em relação a ela, uma exceção, ou oferecendo a ela uma alternativa (*e, ou*);

(1c) *realce*: uma oração *expande* a outra pelo “embelezamento” em torno dela, *qualificando-a* com alguma característica circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição (*assim, já, então*).

Em *hipotaxe* as orações primária e secundária podem ocorrer em qualquer ordem, mas a secundária é sempre a dependente, ou seja, a que faz a *expansão* ou a *projeção*. Já em *parataxe*, somente a ordem 1 2 é possível. A primária, na relação paratática, é simplesmente uma matéria que vem primeiro. Além disso, como na *parataxe* não há dependência de um elemento a outro, não há ordenação outra do que aquela que é representada pela sequência. Assim, a ordem é importante e sua inversão representa alterações semântico-formais na estrutura e no significado do complexo. Na *hipotaxe*, os elementos são ordenados em

² Apesar desse aparato para lidar com os membros de um par de orações relacionadas, é importante ter clareza de que o autor não trata os tipos de interdependência entre orações de forma discreta.

³ Os exemplos são os correspondentes em Português daqueles usados por Halliday em Inglês.

dependência, e essa ordenação é amplamente independente da sequência. Consequentemente, tem-se várias sequências: oração dependente (i) seguindo a dominante; (ii) precedendo a dominante; (iii) cercada; ou (iv) cercado a dominante (HALLIDAY, 1985, p. 199-200).

Conjugando à proposta de abordagem das orações complexas de Halliday (1985), uma teoria proposta por Raible (2001; 1992 apud KABATEK, 2005), segundo a qual chama-se *junktion* a dimensão universal da linguagem que permite a sistematização dos diferentes elementos e técnicas linguísticas usadas para *juntar/combinar* elementos proposicionais, podemos organizar as técnicas de junção que envolvem o item *assim*, classificando-as a partir de um esquema sintático-semântico.

Raible descreve diferentes graus de *integração* e que aqui chamaremos de “interdependência”, uma vez que a *integração* desse autor engloba as formas de interdependência de orações, propostas por Halliday, incluindo a parataxe, a hipotaxe e o encaixamento, i. é, desde a justaposição, até formas extremas de interdependência, como a nominalização, passando por etapas de subordinação. Os diferentes graus de interdependência expõem-se em um eixo sintático vertical. A isso somam-se as diferentes relações semânticas expressas pelos juntores, seguindo uma “escala cognitiva de complexidade crescente”. Estamos, portanto, lidando com uma especificação das relações lógico-semânticas propostas por Halliday. A ordenação dos graus de interdependência dos juntores no eixo vertical pode ser exemplificada no Quadro 2:

Quadro 2. Esquema adaptado do eixo vertical de junção (KABATEK, 2005, p. 14)

padrões	tipo de integração	Exemplos
I	Junção por justaposição (sem juntor explícito)	<i>João está doente. Não come nada.</i>
II	Junção pronominal (relações dêiticas com a frase anterior)	<i>[...] Por isso não come nada.</i>
III	Junção por coordenação (com juntor explícito)	<i>[...] pois não come nada</i>
IV	Junção por subordinação (hipotaxe e encaixamento)	<i>[...] João está doente porque não come nada.</i>
V	Junção com gerúndios e participios	<i>[...] não comendo nada</i>
VI	Junção com grupos preposicionais	<i>[...] Por causa de jejum, João está doente.</i>
VII	Junção com preposições	<i>Por fome, João está doente</i>

Descrição e análise

PADRÃO (C) – *Assim que Q, P*

O Padrão (C) apresenta, sincronicamente, valor temporal, podendo ser parafraseado por *logo que e*, em alguns casos, por *mal*, como ilustrado abaixo:⁴

⁴ As ocorrências da sincronia atual foram extraídas do *corpus* IBORUNA, composto por amostras de fala do Noroeste Paulista.

- (1) a K. entrô(u) e foi postar umas cartas:... [Int.: ((risos))] e:... ói... **assim que** ela entrô(u) eu olhei... foi paixão à prime(i)ra vista [Int.: ((risos))] [...] [AC- 085/NE525]
- (1') [...] ói... **logo que/mal** ela entrô(u) eu olhei... foi paixão à prime(i)ra vista [...]

Ocorrências com essa acepção foram encontradas no *corpus* de cartas:

- (2) Quanto | á casa, comadre, ainda não há por aqui vaga; **assim | que** haja lhe mandarei dizer. || Sua comadre e amiga || *Chiquinha*. [LRXIX-475/95]
- (3) Quanto ao trabalho sobre o Latim | Vulgar, que constitui assunto da | minha tese de concurso, estou re- | vendo-o para impressão. Mandar- | lhe ei com muito prazer um e- | xemplar **assim que** esteja impresso. [FFXX-52c/131]
- (4) [...] Realmente a | música nos transporma para um mundo superior | onde nos sentimos verdadeiramente felizes! | Por enquanto só posso ouvi-la através do radio, | pois ainda não comprei uma vitrola e...faço | questão de adquiri-la com o produto de meu | trabalho **assim que** for possível, se Deus quiser! [FFXX-54b/133]

Assim que funciona como juntor interproposicional, já que, em posição inicial de Q, articula orações, introduzindo a or. dependente em relação a P. Nessas ocorrências, não há presença de nenhum advérbio contíguo. Verifica-se também que, como ocorre nas subordinadas adverbiais, de acordo com a classificação tradicional, a inversão da ordem é possível, sem que ocorra alteração nessa acepção: *assim que* Q, P, como em (2), ou *P, assim que Q*, como em (3) e (4). Assim, afirma-se que embora “haja subsequência entre o estado de coisas de P e Q, a posição relativa das orações independe de tal relação” (NEVES, 2000, p. 798), o que é descrito em termos de *não- iconicidade*.

Comparando essas ocorrências com (1), verifica-se que a paráfrase por *logo que* é possível, mas que por *mal*, não.

Essas possibilidades de ocorrência são distintas em relação ao tempo e modo dos verbos que constituem P e Q. Em (1), temos tanto P quanto Q com os respectivos verbos em Pretérito Perf. do Ind., ilustrando o perfil prototípico constatado nos dados de fala. Por sua vez, as ocorrências do *corpus* de cartas apresentam P no Presente ou no Futuro do Ind. e Q no Futuro do Subj. Embora essa distinção seja relevante para determinados pontos, que serão especificados na continuidade desta análise, a função da or. introduzida pela locução é, sempre, a de determinar a localização temporal da situação descrita em P, funcionando semanticamente como um adjunto temporal. Essa localização depende da semântica da locução juntiva. Assim, para caracterizar pontualmente a semântica de *assim que*, consideraremos dois pontos que, embora envolvam preocupações distintas, estão interligados: (i) o valor de ordenação temporal veiculado pela locução; e (ii) a categoria aspectual das expressões predicativas com que a locução pode co-ocorrer. Em ordem com (i), *assim que* expressa uma relação de sucessão em contiguidade de dois eventos, numa relação de posterioridade/sequencialidade imediata, significando que o evento em P ocorre num intervalo de tempo imediatamente posterior à *culminação do evento* em Q, que funciona como um termo-origem ou ponto de referência. Tocando na expressão “culminação do evento”, apontamos para propriedades que revelam a dimensão em (ii). Em relação à (ii), *assim que* só se combina com descrições de situações de caráter dinâmico e que envolvam um ponto de culminação.

Para explicar essa colocação, recuperaremos estudos sobre as diferentes classes de eventos. Talvez o mais antigo deles seja o de Aristóteles, no livro IX da *Metafísica*

(apud SAMPAIO; FRANÇA, s.d.). Os pontos principais de seus estudos foram o reconhecimento e a diferenciação de eventos que possuem um ponto final e de eventos que carecem desse ponto final.⁵ O autor utiliza-se do grego para distinguir os eventos que denomina de (i) *kinesis*, exemplificáveis pelos verbos *construir*, *chegar*, *nascer*, e os que denomina de (ii) *energeia*, exemplificados por *trabalhar*, *ver*. Os primeiros são verbos télicos, possuem um ponto final inerente ao evento, enquanto os segundos são atélicos, por não possuírem esse ponto final.

Outra diferenciação importante deve ser feita entre *estados* e *eventos*. Como já descritos, os *eventos* são representados por verbos que denotam acontecimento, ação ou movimento, enquanto os verbos que denotam *estado* indicam estado atingido, existência ou habilidade do sujeito:

- (a) João *sabe* cantar. (ESTADO) (b) João *canta* bem. (ESTADO) (c) João *cantou* o hino nacional. (EVENTO)

Apesar de diversos filósofos e linguistas terem pensado sobre o assunto desde Aristóteles, o trabalho de maior influência, na literatura linguística, que trata especificamente desse tema, é o de Vendler (1967), cuja proposta principal aponta para o fato de todos os verbos poderem ser classificados em quatro categorias:

- (i) Atividades (*activities*): denotam eventos que ocorrem durante um tempo, mas que não precisam terminar num ponto determinado: *Maria cozinhará amanhã à tarde*.
- (ii) *Accomplishments*: denotam eventos nos quais há um ponto final lógico: *Maria cozinhará quatro bolos em um dia*.
- (iii) *Achievements*: denotam eventos que ocorrem num único momento no tempo: *Mariazinha nascerá em alguns minutos*.
- (iv) Estados (*states*): denotando não-ações que não se desenvolvem no tempo: *Maria sabe a resposta*.

O modelo de Vendler (1967)⁶ é definido a partir de três pares de valores aspectuais, a saber: estativo/télico/pontual vs dinâmico/atélico/durativo:

Quadro 3. Valores aspectuais

Categorias	ESTADO	ATIVIDADE	ACCOMPLISHMENT	ACHIEVEMENT
Valores				
ESTATIVO	+	-	-	-
PONTUAL	-	-	-	+
TÉLICO	-	-	+	+

⁵ Essa colocação equivale à definição de *telicidade* de Bertinetto (2001, p. 179): “o ponto final inerente e interno de um evento”, definição semelhante à do senso comum: “culminância de uma ação” (HOUAISS; VILLAR, 2001).

⁶ Sabe-se que essa tipologia é base para uma série de discussões e implementações. Por exemplo: Smith (1991 apud SAMPAIO; FRANÇA, s. d.) inclui uma quinta categoria de evento nessa classificação, o *semelfactivo*, que corresponde a eventos instantâneos que não possuem um resultado (*Pedro bateu à porta* ou *A criança tossiu*); Basso e Ilari (2004), a partir de testes baseados na (in)compatibilidade com o imperativo, com a perífrase progressiva e com certos tipos de adjuntos temporais, propõem que os verbos *estativos* não representam uma classe homogênea.

Levando em conta essas considerações, retornamos à análise de *assim que* a fim de especificar a afirmação de que essa locução só pode combinar-se com predicados cujos verbos descrevam situações dinâmicas que envolvam um ponto de culminação. Utilizando a tipologia de Vendler (1967), as expressões predicativas das orações articuladas por *assim que*, pertencem à classe dos *achievements*:

- (2) **assim que** haja (vaga), lhe mandarei dizer. (assim que Q, P) = [+dinâmico; +pontual]
- (3) Mandar-lhe ei com muito prazer um exemplar, **assim que** esteja impresso.
(P, assim que Q) = [+dinâmico; +pontual]
- (4) faço questão de adquiri-la com o produto do meu trabalho **assim que** for possível
(P, assim que Q) = [+dinâmico; +pontual]

Especificamente em relação a ocorrências do tipo observado em (1), com verbos no Pretérito Perf. do Ind., *assim que* pode promover uma alteração no modo de ação do evento (*aktionsart*), quando, ao combinar-se com uma oração *que*, inicialmente, corresponda a um *accomplishment*, o composto interpreposicional, articulado pela locução, passa a representar um evento *achievement*:

- (d) Assim que escreveu o romance, partiu de férias.
- (e) Assim que comeu o bolo, sentiu-se mal.

Em (d) e (e), o processo preparatório, representado nos verbos *escrever* e *comer*, que possuem o traço [+durativo], é eliminado, representando-se apenas o ponto de culminação, ao qual se segue o estado imediatamente seguinte. Assim, o traço [+durativo] é substituído, no composto, pelo [+pontual], caracterizando a mudança de *aktionsart*. Da mesma forma, em construções em que P apresenta verbo no Pretérito Imperf do Ind, sugerimos esse mesmo tipo de mudança de *aktionsart* promovida pela locução juntiva na construção. Vejamos o exemplo:

- (5) [...] **assim que** me formei aqui em São José do Rio Preto num tinha oportunidade de de pegá(r) aula [...] [AC-149/RO1106]

A semântica dessa locução é responsável por uma comutação aspectual que origina a representação de um *achievement*, necessariamente marcado pelo traço [+pontual]. Os traços [+télicos] ou [-télicos] parecem irrelevantes no que diz respeito à compatibilidade semântica com a locução em questão.⁷

As correlações: Pretérito Perf./Pretérito Perf., assim como Presente do Ind./ Presente do Ind. configuram o traço *pontualidade* da construção, sendo os dois eventos percebidos sem duração e com simultaneidade parcial, permitindo a paráfrase por *mal*.⁸ A correlação entre o Subjuntivo, em Q, principalmente no Futuro, e o Presente/Futuro do Indicativo e o Imperativo Afirmativo, em P, resulta em expressão de *eventualidade*. Além disso, *assim que* será considerado incompatível com predicados *estativos* ou de *atividades*, já que apresentam o traço [+durativo], essencialmente alterado pela presença da locução na passagem para um *achievement*. Além disso, por definição, não há um ponto de culminação

⁷ Observemos os exemplos inventados: (f) Assim que entrei, senti-me em casa. [-télico]; (g) Assim que atingi a meta, desmaiei. [+télico].

⁸ Esse complexo pode favorecer a expressão de *causa*, como mostraremos adiante.

numa descrição de estado ou atividade, o que também é decisivo para a não co-ocorrência de *assim que*.⁹

Se, por um lado, caracterizamos o composto *assim que* Q, P como um evento [+dinâmico, +pontual], por outro, uma generalização parece pertinente especificamente em relação à oração principal: P trata-se sempre de situações não estativas.

Além de revelar a prototipicidade formal e funcional da locução *assim que*, como verificamos em sincronia atual, principalmente nos dados de fala que apresentam apenas casos prototípicos de uso dessa locução, o *corpus* de cartas revela também contextos de importante valor para a interpretação da sua emergência, via GR. Vejamos:

- (6) Manoel Soares deSouza **a***ssim que* Seacabou a- | primeira L[icença]a *que* VossaExcelencia for Servido darlhe Logo SeRetirou do termo desta villa Sem Cobrar Couza algua pella falta dedinheiro [...]. [AIXVIII13/52]

Chamamos a atenção para a co-ocorrência do advérbio de tempo *logo*:

assim que se acabou a primeira licença [...] (Q)

(Manoel Soares de Souza) **logo** se retirou do termo desta vila (P)

A semântica temporal é marcada, em Q, por *assim que* e, em P, por *logo*, mostrando que, embora *assim e que* já tenham sofrido reanálise, nesse contexto, formando a locução temporal *assim que*, a contiguidade contextual com outro item de mesma acepção aponta para um uso em que ainda se evidencia contexto propício à transferência metonímica de significado. Possivelmente, esse contexto é motivado pela estrutura sintática da ocorrência, que revela a or. intercalada “a que Vossa Excelência foi servido dar-lhe”, e favorece a inserção do reforço (*logo*) da semântica temporal, i. é, o prejuízo da sequencialidade formal entre Q e P representa um prejuízo à sequencialidade semântico-temporal existente entre essas proposições, justificando a reiteração do traço semântico a partir do uso dos dois recursos de acepção temporal.¹⁰ Assim, em (6), *assim que* introduz a or. temporal dependente e *logo* apenas reforça essa acepção em P. Os testes abaixo confirmam essa afirmação:

- (6') **assim que** se acabou a primeira licença [...] (P), (Manoel S. S.) se retirou do termo desta vila (Q)

- (6'') se acabou a primeira licença [...] (P), (Manoel S.S.) **logo** se retirou do termo desta vila (Q)

A função hipotática de *assim que* não pode ser desempenhada por *logo*, já que, em (6'), temos uma relação de dependência maior do que em (6''), correspondente ao que tradicionalmente denomina-se coordenação: há uma equivalência semântica, mas não sintática entre (6') e (6''), apontando que (i) *assim que* pode ser enfatizado mas não substituído por *logo* e, (ii) a confirmação de seu estatuto já reanalisado em locução temporal. Essa análise comprova a afirmação de que a partir do século XVIII, no português, a locução *assim que* adquire valor temporal (LOPES, 2005). Dados pertencentes a textos representativos de sincronias anteriores a esse período são ilustrados pelas ocorrências que seguem:¹¹

⁹ (h) **Assim que o João vive em Coimbra, sente-se feliz.* (estativo)

(i) **Assim que João correu, descobriu que estava sem forças.* (atividade)

¹⁰ Em estudo sobre o item *logo*, Longhin-Thomazi (2006) constata que esse item, de origem dêitica, assume caráter fórico exatamente nesses contextos em que, ao “olhar para trás”, recupera uma oração de tempo, sinalizando sucessão temporal.

¹¹ Essas ocorrências foram extraídas de Lopes (2005).

- (7) Daquela dona aveo **assi que** houve de mim ua filha, aaquela sazam que a raia desta terra houve outrossi sa filha. A raia, sem falha, fêz a sa filha matar **tanto que** naceu, por uu sonho que sonhou... (13, DSG, p. 51)
- (8) Andados treze annos do reynado de Teurigo, que foy na era de quynhentos e sete annos e de emperyo de Leo em doze e de Regismundo, rey dos suevos arryanos, em cinque e o de Teudemiro, rey dos Estrogodos, em oyto e o de Genserigo, rey dos Vuandallos, em trinta e o de Zeliobes, rey dos Unus, em oyto, aveo assy que, Teodorico rey dos Godos, morando enna cidade de Tollosa, começou Remismundo, rey dos Unus (sic), a conquerer as provencias da Espanha. (14CGE, p. 152)
- (9) Poloque encarecidamente graças sejaõ dadas a Deus, que elle nos deu sua divina palavra na Escritura sagrada, para lune e regra; **assi que** quem ama a vardade quer salvar a sua alma... (18NA, p. 27)

Observa-se que, em (7), *tanto que*, hoje responsável por relações de quantidade/intensidade, desempenhava, no século XIII, relação temporal, como a que se observa nos usos de *assim que* a partir do século XVIII. Por sua vez, *assim que* permitia paráfrase por *de modo que*, compatível com a acepção modal de seu advérbio constitutivo, permitindo a inferência de uma relação consecutiva/causal, mais abstrata.

A ocorrência (8), extraída de texto do século XIV, preserva a acepção modal da locução, agora inserida em contexto marcado por relações temporais e pela estrutura: [aveo] + [*assy que* [...]] + [verbo no GER [...]] + [verbo no Pret. Perf.], favorecendo o surgimento da ambiguidade da construção, por meio da ativação do mecanismo metonímico, i. é, nesse contexto estrutural, a locução também permite uma leitura aproximada à que fazemos em seu uso contemporâneo. Observemos, em (8'), as duas acepções possíveis:

- (8') [...] *rey dos Vuandallos, em trinta e o de Zeliobes, rey dos Unus, em oyto, aveo logo que/de modo que Teodorico rey dos Godos, morando enna cidade de Tollosa, começou Remismundo, rey dos Unus (sic), a conquerer as provencias da Espanha. (14CGE, p. 152)*

Até os dados do século XVIII, a ambiguidade emerge apenas desse contexto. Nos demais empregos da locução, a acepção modal, mais concreta, mantém-se, permitindo a inferência da consecutiva/causal, mais abstrata, como em (9). Diferentemente, ocorrências extraídas do *corpus* de cartas exibem outro contexto de ambiguidade, em que, novamente, co-ocorrem acepções distintas, mas sustentadas por uma estrutura diferenciada:

- (10) [...] eoSubprior da Aldeia de Saõ Joseph atirou a hu' homem, *que* por lhenaõ apegar fogo aespingarda, o naó matou; Eagora a[p]ar[s]eo com ella *para* Seconhecer averdade detudo. [espaço] **ASSim que** logo Sepos asalvo hindo queixarse aVossa Excellencia antes *que* Eu ofizeSse . [AIXVIII-19/58]

Assim que, em início de Q, articula as orações, com a acepção modal já constatada anteriormente, o que se comprova a partir da paráfrase por *de modo que*:

- (10') *Eagora a[p]ar[s]eo com ella para Seconhecer averdade detudo. (P) De modo que logo Sepos asalvo (Q)*

A locução *assim que* inicia uma construção consecutiva, que constitui um enunciado independente, o que se constata na própria pontuação do trecho. Esse contexto torna-se relevante para o desenvolvimento da acepção temporal da locução por conta, mais uma vez, da co-ocorrência do advérbio de tempo *logo*, que imprime essa acepção no enunciado. O que se constata, portanto, é que, embora a acepção consecutiva seja mais abstrata do

que a temporal, ela aparece anteriormente àquela, mas intimamente associada à leitura modal, mais concreta do que ambas, permitida pelo advérbio constitutivo da locução, i. é, infere-se a relação consecutiva em contextos do século XVIII e anteriores a esse período a partir da modal. Essa possibilidade revela, nos dados de cartas desse século, co-ocorrência com o advérbio *logo*, responsável pela acepção temporal que torna acessível o contexto [assim que/de modo que] + [logo], propício para, concomitantemente, a transferência metonímica e metafórica de significado, pela contiguidade sintagmática e proximidade conceitual existente entre as noções envolvidas. Como observamos nos dados de carta, a partir desse século, também são encontradas ocorrências do uso prototipicamente temporal dessa locução.

Discussão analítica: as relações e interdependências dos padrões juntivos de *assim*

Como foi afirmado anteriormente, os padrões, tais como o descrito acima, em que o item *assim* se envolve com relações interproposicionais justificam uma discussão acerca das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, a partir dos pressupostos teóricos apresentados em 3.

À notação 1 (inicial) e 2 (continuação), na parataxe, e α (dominante) e β (dependente), na hipotaxe, acrescentar-se-ão P e Q, chegando-se à adaptação do quadro:

Quadro 4. Adaptação de notação

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1P (inicial)	2Q (continuação)
HIPOTAXE	α P (dominante)	β Q (dependente)

Como mencionado, propõe-se que os usos interproposicionais de *assim* distribuam-se ao longo de um *continuum*, configurado entre aqueles considerados representativos de um e de outro tipo de interdependência. Partiremos, portanto, dos exemplares de relações do domínio da parataxe até os exemplares de relações do domínio da hipotaxe, passando pelos que estão em meio do caminho. Nessa construção metodológica, localizaremos, pontualmente, o *slot* ocupado pelo Padrão C, focalizado.

Nos usos de *assim* na locução *assim como* apresentam-se quatro comportamentos semântico-formais, em que a locução exerce função (i) *aditiva*; (ii) *comparativa correlativa*; (iii) *comparativa não-correlativa* e (iv) *conformativa*. Dentre esses comportamentos, dois tipos de relações e de interdependência entre as orações articuladas pela locução podem ser observados.

No primeiro, *assim como* aditivo é utilizado em orações de mesmo estatuto, i. é, livres e funcionalmente independentes. Em 2Q, *assim como* representa uma *extensão* do significado de 1P a partir do acréscimo de algo novo, representativo de uma adição, que não implica nenhuma relação causal ou temporal entre as orações. Nesse caso temos, segundo Halliday (1985, p.207), a combinação da *extensão* com *parataxe*, resultando na *co-ordenação* entre orações (1P + 2Q). Como se trata de uma adição neutra, mesmo dentro da interdependência paratática, há liberdade de sequenciação/ordenação entre 1P e 2Q, possibilitando a inversão da ordem dessas orações, como exemplificado em (11):

- (11) [...] Desejo sin-| cèramente que sua saude se tenha refeito com a volta ao| clima em que o seu corpo foi criado, **assim como** desejo| que sua distinguida família se encontre bem[...] [FFXX-52b/119]

Assim como coordena as estruturas de natureza completiva de P e Q no interior da mesma proposição, sendo parafraseável por *e também*. Trata-se, portanto, de um valor *aditivo* que expressa *inclusão*, assinalando que a informação veiculada pelos constituintes, sob seu escopo, em Q, deve ser acrescentada à informação expressa, em P, como subparte de uma estrutura cumulativa mais ampla.

Nessa função, a integração entre P e Q é menor do que na de comparação, já que se trata de orações independentes. Em outras ocorrências desse tipo, verifica-se um compartilhamento maior de estruturas de P em Q (para além do SN Suj), no entanto, em nenhum dos casos, há alteração de quaisquer aspectos (por exemplo, flexões verbais) dos termos elípticos em Q, como observamos nos casos de comparação, o que demonstra ser esse entrelaçamento menos incisivo do que aquele.

A mesma locução, agora *comparativa (não-)correlativa e conformativa*, é utilizada em orações de estatutos diferentes, sendo uma considerada funcionalmente independente, (modificada) e outra funcionalmente dependente (modificadora): “o elemento modificador é dependente do modificado” (HALLIDAY, 1985, p. 195). Nessa configuração de interdependência hipotática, a locução representa uma relação de *realce* do significado de αP a partir do acréscimo de um significado de *comparação/conformidade* dentro da categoria de *modo* apresentada por Halliday (1985, p. 211), em βQ . A combinação de *realce* com *hipotaxe* ($\alpha P \times \beta Q$) resulta no que é conhecido na gramática tradicional como “orações adverbiais”.

Entretanto, no caso das *comparativas (não-)correlativas*, diferentemente do que se observa nas relações de *realce* dentro da *hipotaxe* e também na perspectiva tradicional, é impossível a inversão da ordem das orações envolvidas: os elementos são ordenados em dependência, caracterizando traço da hipotaxe, mas são dependentes também da sequência/ordenação, o que constitui traço da parataxe. Estamos diante de um caso em que o uso da locução não pode ser categoricamente classificado como hipotático, uma vez que ainda revela traços paratáticos. Também semanticamente percebe-se uma relação intrínseca entre adição e comparação, i. é, nos casos de realce dentro da hipotaxe pode haver persistência da acepção aditiva. As ocorrências (12) e (13) ilustram as *comparações correlativa e não-correlativa*, respectivamente:

- (12) [...] ConSsigo poCo fruto **aSSim** por alguñs | fugirem deSSua aldeia; **Como** outros Sonegados de quem ostem. [AIXVIII-03/41]
- (13) Meu presado Professor Fidelino | Meus pais muito estimam que o senhor | esteja melhor, **assim como** esta sua ami- | guinha que sempre o recorda com sal- | dade! [FFXX-54f/135]

Por outro lado, as conformativas comportam-se prototipicamente nas relações de *realce* dentro da *hipotaxe*: os elementos são dependentes, mas a ordem das orações não é determinante. Nesses casos, a relação entre essa acepção e as outras, constatadas nos demais usos da locução, pauta-se no traço modal de *assim*:

- (14) No artigo – *Insomnia* – que hoje publicamos vem uma censura á Camara Municipal por não ter dado aos providenciais precisas para o dessecamento do tanque do Zunega, visto que pelo Excelentíssimo Governo da Provincia ja lhe forão presentes os planos e orçamentos d’aquela obra, **assim como** necessaria para a mesma obra. ||[LRXIX-495/99]

Nos usos de *mesmo assim*, encontram-se casos em que a locução é empregada em orações consideradas livres e funcionalmente independentes. Em 2Q, *mesmo assim* representa uma combinação de *realce* com a *parataxe* (1P x 2Q), produzindo o que é também um tipo de co-ordenação. A oração introduzida por *mesmo assim* integra uma categoria *causal-condicional* apresentada por Halliday (1985, p. 213), especificamente marcando um significado de concessão-consequência. Preferimos denominar a relação aí estabelecida de *contrastiva*, em vez de concessiva, a fim de marcar uma diferença entre esses usos e os concessivos. Note que aqui, embora haja a independência característica das orações paratáticas, a sequência/ordenação não pode ser alterada. Exatamente a proximidade entre as *contrastivas* e as *concessivas* mostra que estamos diante de um caso de parataxe muito próximo da hipotaxe:

- (15) alguns Indios tem alguns retalinhos do mesmo | quintal atacados com cercas saó taó lemitados | osterrenos, que nomeo conseito so daó *para* pouco | mais que huma orta de repolhos, ficando **assim** | **mesmo** parte da Aldeâ, eaIreja [sic] sem defeza | [p. 2] das criaSsoens, [AIXVIII-24/62]

Nos usos em que o item, fora de locuções, atua como um juntor, encontra-se também a articulação de orações consideradas independentes, configurando a relação de interdependência paratática. O item, localizado em 2Q, articula uma oração que realça o significado da outra, 1P, por meio da qualificação via relação de causa-consequência, configurada na notação (1P x 2Q). A combinação de *realce* com *parataxe* resulta em um tipo de co-ordenação, em que uma característica circunstancial encontra-se intrínseca. Halliday (1985, p. 213) engloba casos como esse na categoria *causal-condicional*, codificando uma relação de *causa-efeito* (o que implica causa-consequência, como adotamos). Por conta das especificidades desse tipo de relação e da interdependência, a sequência/ordenação não pode ser invertida:

- (16) COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO PAULISTA || *Senhores* Redactores. - Li por duas vezes, no | jornal de *vossassenhorias*, reclamações sobre a irregula- | ridade dos vapores desta companhia e da | desconsideração com que se tratava os Pau- | listas, deixando de os avisar das trasnferen- | cias por meio de annuncios, etc. || Vi no *Diario* uma defesa, em favor da com- | panhia, desmentindo a primeira queixa pu- | blicada na *Provincia*, e não soube como de- | cidir-me, o que acontece a quem vive no | matto e não anda a par de todas as cousas. | Chegou, porém, a minha vez de examinar | de que lado está a razão e verifiquei infeliz- | mente que está da parte dos queixosos que | tem vindo á *Provincia*. || Tendo de ir á côrte indaguei de alguns | amigos quando haveria vapor para lá e me | foi dito que sahia a 11 do corrente, o que por | mim foi verificado tambem no *Diario de San-* | *tos*, na parte que trata da sahida e entrada | de navios naquelle porto. || **Assim**, disponho a minha viagem||[LRXIX-514/105]

Por fim, os usos de *assim* na locução temporal *assim que*, especialmente descritos na subseção anterior, atuam na articulação de orações consideradas funcionalmente diferentes, i. é, a oração iniciada pela locução modifica a outra, estabelecendo, portanto, uma relação de dependência entre a oração modificadora e a oração modificada, nos termos de Halliday (1985, p. 195). Estamos diante de um caso de interdependência *hipotática* com a combinação de *realce* (notação Pa x Qβ). Trata-se novamente do que é denominado, tradicionalmente, como

“oração adverbial”. Especificamente, nessa relação de realce entre orações dependentes, marca-se uma acepção temporal, em que está presente, conforme a análise apresentada, o traço “pontual”. Note que Q β , introduzida pela locução, portanto, sendo finita, acumula as funções de expressar a dependência (estatuto hipotático), a relação circunstancial (temporal) e a aspectual (pontual). Dentro da estrutura hipotática, P α e Q β são ordenadas em dependência e amplamente independentes da sequência, permitindo a identificação das sequências: oração dependente seguindo (P α x Q β) e precedendo a dominante ((Q β) x P α). A ocorrência abaixo exemplifica esse funcionamento:

- (17) Quanto ao trabalho sobre o Latim Vulgar, que constitui assunto da minha tese de concurso, estou re-vendo-o para impressão. Mandar-lhe ei com muito prazer um e-xemplar **assim que** esteja impresso. [FFXX-52c/131]

Considerações finais

O referido *continuum parataxe > hipotaxe* dos usos juntivos de *assim* pode ser caracterizado conforme o quadro que segue:

Quadro 5. *Continuum parataxe > hipotaxe*

<i>assim como</i> ADITIVO	<i>assim</i> CONCLUSIVO	<i>mesmo assim</i> CONTRASTIVO	<i>assim como</i> COMPARATIVO	<i>assim como</i> / <u><i>assim que</i></u> CONFORMATIVO / TEMPORAL
P A R A T A X E			H I P O T A X E	

Algumas observações podem ser feitas a partir desse *continuum*:

- (i) a locução juntiva *assim que*, apresentada no extremo direito do *continuum*, representa, portanto, o esquema mais indicativo, juntamente com o Padrão *assim como* conformativo, das relações hipotáticas;
- (ii) as locuções juntivas *assim como* e *assim que*, que se localizam mais à direita desse *continuum*, especificamente no padrão sintático (IV), o mais elevado para os casos sob observação, encontram-se em padrões lógico-semânticos menos complexos, modo e tempo, respectivamente; inversamente, a locução *mesmo assim* e o juntor *assim*, que se localizam mais à esquerda desse *continuum*, especificamente no padrão sintático (III), encontram-se em padrões lógico-semânticos bem mais complexos, como é o caso das relações conclusivas e contrastivas.

Além disso, de forma geral, ressaltamos o fato de que, embora em relações lógico-semânticas que revelam graus de complexidade distintos, as locuções e o juntor observados encontram-se em padrões sintáticos contíguos, (III) e (IV). Esse dado mostra que a relação marcada na classificação fornecida a partir do cruzamento proposto por Raible confirma a constatação realizada a partir da análise sobre os pressupostos de Halliday, de que há uma forte fluidez dos padrões dessas construções, i. é, a contiguidade dos padrões sintáticos reflete a contiguidade entre *parataxe* e *hipotaxe* observada no *continuum*. Além disso, os usos que se enquadram nos padrões lógico-semânticos mais complexos, tais como

contrastividade, revelam influências de padrões menos complexos, como *causa/condição*, em relação ao Padrão de *mesmo assim*.

Especificamente à GR da locução juntiva aqui focalizada face aos demais Padrões em que o item *assim* envolve-se, podemos ainda afirmar que:

- (iii) *assim que* apresenta, em seu percurso de GR, forte associação com o traço modal do item *assim* constitutivo da locução, o que possibilita a apreensão de usos consecutivos dessa locução diacronicamente. Isso não quer dizer que essa acepção esteja relacionada com o surgimento de sua acepção temporal;
- (iv) desenvolve acepção temporal a partir da forte influência de contextos temporais em usos inicialmente modais da locução, ora marcados por construções sintáticas específicas para a configuração de aspectos da relação de tempo, ora marcados por co-ocorrências com outros itens temporais, como *logo*, o que proporciona a mudança via interpretação metonímica.

A análise indica que o processo de formação desse Padrão via GR encontra-se concluído, o que se justifica na mudança semântica e na reanálise sofridas pelos itens que compõem a locução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A.; LOPES, C. *Cartas de leitores e de redatores*. Cópia digital, 2002.
- _____. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.
- BASSO, R. M.; ILARI, R. Estativos e suas características. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 1, p. 16-26, 2004.
- BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECHETTO, C. et al. *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In: _____. *An introduction to Functional Grammar*. New York: Arnold, 1985. p. 215-291.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis*, v. XXIX, n. 2, p. 151-177, 2005.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá* (UFF), Rio de Janeiro, v. 21, n. 21, p. 59-72, 2006.
- LOPES, L. *Gramaticalização da Perífrase Conjuncional “assim que” na História do Português*. São José do Rio Preto. 97 f. Relatório de Iniciação Científica - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2005.
- NEVES, M. H. M. N. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

RAIBLE, W. Linking clause. In. HASPELMATH *et al.* *Language Typology and Language Universals*. v. 1. Berlin e New York: Walter de Gruyter, 2001, p. 590-617.

SAMPAIO, T. O. M.; FRANÇA, A. I. Interface Aspectual em Verbos de Movimento do Português Brasileiro, Laboratório ACESIN - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, *mimeo*, [s.d].

SIMÕES, J. S; KEWITZ, V. *Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX*: uma contribuição para os *corpora* do PHPB. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.